

RECEPÇÃO DA IDADE MÉDIA?

Daniele Gallindo Gonçalves

Se Umberto Eco (1989) escrevesse hoje seu ensaio “Dez modos de sonhar a Idade Média” provavelmente constataria que inúmeras são as realizações desses sonhos de Idade Média e o quanto é difícil dimensionar tais fenômenos. Afinal, a Idade Média parece nunca ter acabado, ela está entre nós através das mais variadas narrativas. Trata-se da Idade Média como passado? Não! Falamos da Idade Média no presente. Isto é, da capacidade imaginativa de recriação e propagação de ora sendo comum, ora fantasia.



Fonte: FUNKE, 2001: 18-19. Ilustração de Kerstin Meyer.

(Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314967458/figure/fig2/AS:471854470176770@1489510280133/FIGURA-5-Detalhe-de-ilustracao-em-Der-geheimnisvolle-Ritter-Namenlos-Fonte-FUNKE-2001.png>)

Falar em Recepção da Idade Média é ser capaz de problematizar os usos e abusos em relação a um recorte temporal denominado comumente de medieval: seja através de uma percepção grotesca ou romantizada. Grotesca por conter em si imagens de violência, sexualização, enfim, ‘trevas’. Romantizada por propagar, grosso modo, a imagem de cavaleiros honrosos e do amor cortês (MATTHEWS, 2015: 15). Ambas, entretanto, não são excludentes e apresentam uma questão fundamental: a recriação presentificada. Entendo essa operação de releitura “não somente [como] percepção e representação da história, mas também [como] discussão e apropriação ou rejeição, portanto, toda mediação e presentificação do passado” (KÖHN, 1991, p. 409). Vejo, portanto, minimamente, duas searas possíveis da recepção. A primeira delas tem a ver com as buscas (incessantes) de pesquisadores pelas reconstruções desse passado dito medieval. Buscas essas feitas através de resquícios do passado (as fontes). A segunda adentra o espaço das mídias: literatura, filmes, séries, jogos, músicas, memes, charges, caricaturas e outras tantas formas. Releitura, aqui, é o resultado de um processo de adaptação, que leva em consideração o diálogo constante com a retroalimentação de um imaginário acerca da Idade Média. Imaginário esse que vem sendo recriado através de imagens plásticas que remetem a uma noção do que seria medieval. São imagens plásticas por serem moldáveis de acordo com os anseios de seu presente; são noções do que seria medieval, visto que há uma identificação (praticamente imediata) do consumidor de que determinada narrativa é medieval. Um medieval-fantasia, no qual a possibilidade da existência de dragões não implica problematizar uma realidade historiográfica, factual, do mesmo. São universos em que a fantasia vai recriando possibilidades sobre o medievo. Possibilidades, por exemplo, da existência de cavaleiras destemidas (*Die geraubten Prinzen*, 1994), de princesas que lutam pela própria mão (*Der geheimnisvolle Ritter Namenlos*, 2001), de indivíduos capazes de dar vida a narrativas no ato da leitura em voz alta (*Tintenherz*, 2003) – todas obras de Cornelia Funke. Desnuda-se, assim, diante dos olhos do público,

GONÇALVES, Daniele Gallindo. Recepção da Idade Média?. *Medievalismos*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

uma Idade Média quimérica, um amálgama de “elementos historiográficos, literários, fantásticos, tanto medievais como pós-medievais” (SILVA, 2016: 17). Em outras palavras, trata-se “[d]o ato de pegar e remendar da Idade Média para construir algo antigo e novo, familiar, ainda que estranho” (LUKES, 2014, p. 3).

No campo das Recepções da Idade Média, a literatura é de suma importância para algumas dessas construções, principalmente quando vários desses topoi aparecem nas telas por conta de uma transposição midiática (literatura adaptada para tela). O público acaba por identificar uma certa imagem medieval dada a ocorrência de cernes narrativos – elementos reiterados que se tornam identificadores, que, contudo, “não repetem (o modelo) de forma simples, mas jogam com as possibilidades, as variam, as invertem, as cruzam com outros modelos, de modo que estas possam se transformar em meios de reflexão da experiência histórica” (MÜLLER, 2007: 23). Por que o público reconhece, no geral, que se trata de uma história do Rei Artur? Há a identificação da figura do rei, do espaço mítico Avalon, da espada Excalibur dentre outros elementos possíveis. Seriam esses cernes narrativos oriundos de textualidades medievais? Sim e não. Sim, pois nas narrativas produzidas durante o medievo temos alguns desses elementos reiterados com certa constância. Não, pois o público não necessariamente teve acesso àquelas narrativas, mas a imagens já recriadas por mídias diversas. Recorto dois exemplos: *Brumas de Avalon* (1982, de Marion Zimmer Bradley) e *Cursed* (2019, de Tom Wheeler e Frank Miller) por recriarem o universo arturiano de formas não androcêntricas. Isto é, as protagonistas são mulheres, respectivamente Morgana e Nimue. Estou ciente de toda a problemática envolvendo Bradley, mas não posso negar o impacto de sua produção em transposições posteriores da lenda arturiana. Ainda que proponham uma nova visão narrativa da história de Artur, ambas as narrativas precisam ser pensadas em suas temporalidades de produção: a saber ondas feministas. Ainda, é Frank Miller, em entrevista a Aaron Pruner (17/07/2020, no site <https://www.thrillist.com/entertainment/nation/cursed-netflix-frank-miller-tom-wheeler-interview>), quem indicia a grande problemática de se analisar mídias, ao afirmar que “a lenda do Rei Arthur não serve para nada. É completamente irrelevante, a menos que haja um mundo de escuridão e caos que seja necessário”.

Em suma, ainda que pareça didaticamente relevante, a análise de fenômenos de recepção não pode ser operacionalizada em uma brincadeira de jogo de sete erros, através da qual se buscam verdades e mentiras em relação ao que foi (ou teria sido) a Idade Média na comparação com imagens e/ou narrativas produzidas por determinada mídia. Isso seria, pois, reduzir a mídia e sua potencialidade para a compreensão de ideologias de seu contexto de produção. Lembro aqui a simples equação: historiadores têm compromisso com fontes; mídias são, em sua primazia, entretenimento. Analisar fenômenos midiáticos é pensar lógicas externas de produção (tais como mercado, tecnologias possíveis, intertextos, poéticas de diretores/ produtores/ designers dentre outros elementos) e internas (o que essa mídia fala sobre o seu presente – sobre seu momento de produção).

Para saber mais

ECO, Umberto. Dez modos de sonhar a Idade Média. In: _____. **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 74-85.

KÖHN, Rolf. Was ist und soll eine Geschichte der Mittelalterrezeption? Thesen eines Historikers. In: BURG, Irene et al. (Org.). **Mittelalter-Rezeption IV**: Medien, Politik, Ideologie, Ökonomie. Göttingen: Kümmerle, 1991, p. 407-431.

LUKES, Daniel. Comparative neomedievalisms: A little bit medieval. **Postmedieval**: a Journal of Medieval Cultural Studies 5, p. 1-9, 2014.

GONÇALVES, Daniele Gallindo. Recepção da Idade Média?. *Medievalismos*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



MATTHEWS, David. *Medievalism: A critical History*. Suffolk, New York: D. S. Brewer, 2017.
MÜLLER, Jan-Dirk. *Höfische Kompromisse. Acht Kapitel zur höfischen Epik*. Tübingen: Max Niemeyer, 2007.

SILVA, Daniele Gallindo G. Sobre "cavaleiras": a (re)criação do medievo em Cornelia Funke. *Pandaemonium Germanicum*, v. 19, n. 29, p. 1-20, 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/128165>.

GONÇALVES, Daniele Gallindo. Recepção da Idade Média?. *Medievalismos*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>

